

Folha Espírita

folhaespirita.com.br

Diretor-fundador: Freitas Nobre (★1923 †1990) | Julho 2017 | nº 521 | R\$ 4,50



Ciência, saúde e espiritualidade P. 4
Pesquisas sobre mediunidade no Reino Unido P. 6
O testamento vital e a bioética P. 6
Entre o passado e o presente P. 15

Ecologia e cura de enfermidades P. 8

Mundo de regeneração e meio ambiente P. 16



Flávio Luiz Yarshell
é advogado e professor da
Faculdade de Direito da USP

A internet e a lembrança e o esquecimento do passado

Ninguém duvida que a *memória* – que nos garante lembranças sobre nós mesmos, os outros, as coisas e os fatos – é essencial. Sem ela, não apenas o convívio social ficaria prejudicado, mas até nossa vida pessoal poderia estar em risco. Sem o registro e o acúmulo do que apreendemos pelos sentidos e pelo intelecto – por estudo ou como resultado da simples experiência – seria impossível ou, quando menos, muito difícil evoluir. O valor que a memória tem para cada um de nós bem se mede pelo desconforto ou até pela dor que resulta de sua perda, por doença ou senilidade, nossa ou de nossos entes queridos.

Não é por outra razão que se costuma dizer que a *História* – estudo sistemático de eventos passados, mediante métodos de investigação – é fundamental para que possamos compreender o presente e, eventualmente, fazer projeções sobre o futuro. Ainda que possa ser imprecisa ou influenciável – porque, afinal de contas, escrita por seres humanos –, ela segue como uma referência, pessoal ou coletiva. Cada um de nós tem a sua própria.

Contudo, ainda que tudo isso seja correto, sob a ótica mais ampla da evolução espiritual o *esquecimento do passado*, conquanto limitado ao tempo da vida corpórea, é igualmente imprescindível.

Conforme extraímos de *O Evangelho segundo o Espiritismo*¹, o apagar de nossas memórias de vidas anteriores é

uma bênção: como o Espírito frequentemente renasce no mesmo meio em que já viveu, e estabelece novas relações com as mesmas pessoas, justamente com o fim de reparar o mal que lhes haja feito, a lembrança poderia gerar



Alitra-se que o acesso à informação proporcionado pela rede mundial de computadores funcione como ferramenta a serviço do aumento de nosso grau de consciência e, portanto, de nosso aperfeiçoamento intelectual e moral; não o contrário



reações de ódio, de orgulho ou de humilhação que, por interferirem no exercício do livre-arbítrio, acabariam por nos prejudicar. Para nos guiar, devemos, então, ficar atentos à voz da consciência, à intuição e aos instintos. Da mesma forma, em *O Livro dos Espíritos*, em resposta à indagação sobre a perda da lembrança do passado pelo Espírito encarnado, está dito que o ser humano não pode nem deve saber tudo: “Sem o véu que lhe oculta certas coisas, ficaria ofuscado, como quem, sem transição, saísse do escuro para o claro. Esquecido de seu passado ele é mais senhor de si”².

É justamente entre a lembrança e o esquecimento do passado que hoje nos encontramos: a evolução tecnológica, sem propriamente inaugurar o registro e o acúmulo dos fatos passados, deu-lhes, contudo, um novo alcance, que não se limita à perpetuação do que ocorreu, mas a sua difusão e possibilidade de acesso. A rede mundial de computadores, com o auxílio de poderosas ferramentas de localização, registra e disponibiliza informações a qualquer pessoa, praticamente em qualquer lugar do planeta. Naturalmente, tais informações são tanto as aprazíveis quanto as eventualmente desairosas. Mais do que isso: a difusão não envolve apenas informações objetivas, mas frequentemente vem acompanhada de opiniões e juízos de valor, por parte de emissores e de destinatários.



Conflito de valores

Essas transformações levaram, então, a um conflito de valores. De um lado, há o *direito à informação*, que fala em prol da permanência, por tempo indefinido, de todo e qualquer dado que, algum dia, tenha sido incorporado à rede mundial de computadores. Argumenta-se que essa é mais uma forma de registro da História, que não pode e não deve ser apagada ou desvirtuada, inclusive porque isso seria prática análoga à da queima de livros, que a humanidade já conheceu e, a seu tempo, repudiou. De outro lado, há a tutela

da *privacidade* e da *intimidade*, a suportar a ideia de que o registro e difusão perenes de informações marcariam e estigmatizariam pessoas, como se fossem cicatrizes morais, tudo de sorte a prejudicar a continuidade de suas vidas e até mesmo de terceiras pessoas. Daí, então, falar-se em um *direito ao esquecimento*, entendido como a prerrogativa de apagar da rede mundial (ou ao menos de impedir o acesso a) informações que, por serem desabonadoras, possam pesar contra alguém.

O debate tem alcance mundial. No âmbito da União



Sem o véu que
lhe oculta certas
coisas, ficaria
ofuscado, como
quem, sem
transição, saísse do
escuro para o claro.
Esquecido de seu
passado ele é mais
senhor de si

(O Livro dos Espíritos)



Europeia, para ilustrar, vigora o Regulamento 2016/679, de 27 de abril de 2016, que dispõe sobre tratamento de dados pessoais e a livre circulação deles. No Brasil, o tema – que já foi objeto de decisões nem sempre uniformes das Cortes locais e que já passou pelo crivo do Superior Tribunal de Justiça – entrou na pauta do Supremo Tribunal Federal. Recentemente, ali se realizou audiência pública, com oportunidade de defesa de cada uma das posições. Ainda não há data marcada para o julgamento, mas é de se esperar que ele ocorra em breve – con-

siderando-se aí o volume de trabalho que aquele tribunal tem tido, dentre outros, por conta de ações e investigações de natureza penal.

O problema surge especialmente no contexto da prática de atos jurídica ou moralmente reprováveis, a respeito dos quais são inseridas notícias na rede: de um lado, a informação serve de guia para as pessoas, impede que se esqueça o mal cometido e, de certa forma, contribui para a prevenção de novos erros; de outro lado, a mesma informação eterniza a reprovação coletiva, com potencial para

prejudicar ou até impedir a reabilitação, por dificuldades na obtenção de trabalho ou nas relações sociais e afetivas.

E não se trata de um problema limitado à pessoa de quem um dia foi ofensor: mesmo sob o ângulo da vítima, a informação perene pode funcionar como uma dura e pública lembrança de fatos que, dessa forma, permanecem insuperáveis e que só fazem aumentar a dor já experimentada. Isso tudo para não falar em terceiros, familiares e pessoas do círculo social do ofensor ou da vítima que, tanto quanto eles, seguem a padecer.

Tratando-se de um confronto de valores igualmente relevantes, não parece haver solução simples e completamente satisfatória. Talvez só mesmo em cada situação particular seja possível ponderar entre as consequências e ônus decorrentes da subsistência ou, diversamente, da supressão da informação – é o que juristas fazem mediante critérios de razoabilidade e proporcionalidade.

De todo modo, pensando em termos gerais e abstratos, parece ser preciso, dentre outros, considerar qual é o verdadeiro interesse público na permanência da informação e, a rigor, se esse interesse não pode eventualmente ser atendido sem que, para tanto, seja preciso eternizar o sofrimento pessoal – diante do qual todos se tornam vítimas. Talvez seja possível divulgar fatos de forma útil, sem que, contudo, subsista a personalização, isto é, sem prejudicar o valor que a História tem para a compreensão do presente e construção do futuro, mas não ao preço da destruição de individualidades.

Doutrina

E talvez também seja possível aprender com o que nos ensina a Doutrina: que a lembrança do passado não sirva de obstáculo à nossa evolução. Assim, alvitra-se que o acesso à informação proporcionado pela rede mundial de computadores funcione como ferramenta a serviço do aumento de nosso grau de consciência e, portanto, de nosso aperfeiçoamento intelectual e moral; não o contrário. Bem por isso, a informação deve ser registrada e divulgada na medida

de sua utilidade e, dessa forma, ela não deve se prestar a fomentar o ódio, o orgulho e a humilhação – isto é, tudo aquilo que o esquecimento do passado busca evitar.

Lembro-nos de que, conforme mais uma vez nos ensina *O Evangelho segundo o Espiritismo*, a misericórdia, que é complemento da brandura, “consiste no esquecimento e no perdão das ofensas”, de tal sorte que o esquecimento dessas últimas “é próprio da alma elevada, que paira acima dos golpes que lhe possam desferir”³. Não olvidemos que o perdão verdadeiro é “aquele que lança um véu sobre o passado” e que “o esquecimento completo e absoluto das ofensas é peculiar às grandes almas; enquanto o rancor é sempre sinal de baixa e de inferioridade”⁴.

Em suma, não apaguemos a História, nem nossa memória, individual ou coletiva. Apenas não permitamos que ela prejudique nosso inevitável caminho rumo aos mais elevados desígnios divinos.

¹ Cf. Allan Kardec, **O Evangelho segundo o Espiritismo**, trad. Guillon Ribeiro, Brasília: Federação Espírita Brasileira, 2013, p. 85/86.

² Cf. Allan Kardec, **O Livro dos Espíritos**, Brasília: Federação Espírita Brasileira, 2004, p. 267.

³ Cf. Allan Kardec, **O Evangelho segundo o Espiritismo**, trad. Guillon Ribeiro, Brasília: Federação Espírita Brasileira, 2013, p.142.

⁴ Cf. Allan Kardec, **O Evangelho segundo o Espiritismo**, trad. Guillon Ribeiro, Brasília: Federação Espírita Brasileira, 2013, p.148.



Gilson Roberto
é presidente da AME-Brasil

“É muito difícil escolher quem foi maior”

Quem foi maior? O homem Chico Xavier ou a obra que ele realizou? Passados 15 anos da desencarnação de Chico Xavier, completados em 30 de junho, acreditamos que essa frase, grafada por Marlene Nobre, em julho de 2002, fazendo referência a 8 de julho de 1927, data em que o labor mediúnico de Francisco Cândido Xavier teve o seu início, quando ele tinha 17 anos, faz todo sentido.

Se pensarmos somente em números, notas que na produção do médium ao longo de sua vida – 450 livros – poderiam estar ainda contabilizadas as cartas e orientações espirituais, em média, 600 por sessão, às segundas-feiras, sextas-feiras e sábados, tanto em Pedro Leopoldo como em Uberaba, durante mais de seis décadas. Também não poderiam estar estimados os milhões de pessoas que atendeu nas sessões públicas e particulares, e nas longas filas de autógrafos, comuns nas festas de divulgação do livro espírita. Do mesmo modo, é impossível relacionar os suicídios, assassinatos e abortos que evitou, e o número de pessoas que sustentou, com a força de sua bondade genuína.

O Chico Xavier, homem, deixou sua marca, e sua relação com o povo brasileiro era muito profunda e afetuosa. Seu trabalho de abnegação foi reconhecido, tendo sido eleito O Maior Brasileiro de Todos os Tempos. Chico exerceu uma liderança diferente, toda calcada na humildade, à procura do amor e da compreensão que muitos e muitos janeiros não conseguiram extinguir.

Nosso saudoso diretor, Paulo Rossi Severino, certa vez disse que Chico era um professor

fora de série, um legítimo intérprete de Jesus, aquele que o ensinara a transformar espinhos em flores, pedras em pão, desacato em perdão, desequilíbrio em harmonia, agressividade em benevolência, e a força do amor que tudo transforma na vida, na difícil arte do bem viver.

Ao observarmos que já se passaram 15 anos de sua desencarnação, podemos nos perguntar: será que já conseguimos nos dar conta da grandiosidade desse espírito abnegado que nos exemplificou com tanta clareza a verdadeira expressão de ser um cristão? Talvez precisaremos de mais gerações para realmente compreender a importância do médium mineiro na história da humanidade. Muitos estudos e constatações deverão surgir e a obra de Chico e sua vida se entrelaçarão em uma verdadeira expressão do Amor do Criador em nossas vidas.

Para concluir e homenagear nosso querido Chico, lembramos as palavras de Marlene Nobre, em seu último livro, que nos faz refletir sobre a importância da compreensão acerca da convivência com ele, que deve ser para nós sempre motivo de vigilância: “Chico tinha o dom de fazer as pessoas se sentirem únicas. Por essa razão, creio que os que conviveram com ele têm de ser vigilantes e cautelosos, tomando bastante cuidado para não se deixarem iludir, julgando-se privilegiados e importantes. Para isso é preciso que se vacinem permanentemente contra o personalismo.” Que ele, Chico, receba de nossos corações a gratidão eterna por tanto nos amar e ensinar, e que possamos prosseguir fiéis aos ideais cristãos seguindo seus passos.

Ciência, saúde e espiritualidade: construindo práticas e desenvolvendo saberes

Com esse título foi realizado, de 14 a 17 de junho, o XI Mednesp, o Congresso Médico-Espírita do Brasil e Internacional, considerado o maior evento de saúde e espiritualidade do mundo, com a participação de um público de mais de duas mil pessoas.

O encontro, promovido pela Associação Médico-Espírita do Brasil (AME-Brasil) e pela Associação Médico-Espírita Carioca (AME-Carioca), ocorreu no Riocentro, o maior centro de convenções da América Latina, na cidade do Rio de Janeiro (RJ).

O congresso foi pautado por uma organização impecável e um ambiente de muita alegria e fraternidade, no qual todos nós que fazemos parte da família AME saímos revitalizados pelo alimento afetivo que nos une.

A solenidade de abertura teve como palestrante Divaldo Franco e a apresentação musical de Anatasha Meckenna, que emocionou o público presente. Nos outros três dias de congresso mais de cem profissionais da Saúde se revezaram em seis auditórios concomitantes, falando sobre saúde e espiritualidade, trazendo as mais recentes publicações científicas sobre o assunto, abordando temas como bioética, saúde mental, mediunidade, obsessão, homeopatia, cérebro triu-

no, poder da fé e da oração nos processos de cura.

As informações científicas trazidas pelo congresso geraram um grande impacto nos meios de comunicação, sendo noticiadas em jornais como *O Globo* e na rádio CBN.

Internacional

O debate internacional contou com a presença do psicólogo Chris Roe, professor de Psicologia na Universidade de Northampton, no Reino Unido, e diretor do Centro para o Estudo de Processos Psicológicos Anômalos. Sua participação trouxe importantes informações relacionadas às pesquisas realizadas em Northampton sobre psicologia da experiência anômala e nos temas referentes à espiritualidade e o bem-estar.

Tivemos também a participação da psiquiatra Olfa Marie Hélène Mandhouj, da França, especialista em Saúde Pública e Medicina Social, que abordou as pesquisas em seu país e no Brasil sobre espiritualidade e a sua importância no tratamento das doenças mentais.

Durante o Mednesp, foi realizada a Assembleia Geral da AME-Brasil, com a reeleição da atual diretoria para o próximo biênio. No segundo dia, as atividades foram encerradas com uma homenagem a Jorge Andréa, através da exposição

Folha Espírita

FUNDADORES: Freitas Nobre, Marlene Nobre e Paulo Rossi Severino (1974)
DIRETOR RESPONSÁVEL: Fábio Gandolfo Severino | JORNALISTA RESPONSÁVEL: Cláudia Santos MTb - 21.177 |
CRIAÇÃO - PROJETO GRÁFICO E SITE: MaçãV Comunicação www.macav.com.br | DIAGRAMAÇÃO: Sidney João de Oliveira
| SITE - PROGRAMAÇÃO: www.aboutdesign.com.br | REVISÃO: Sidônio de Matos | ASSINATURAS: Ana Carolina G. Severino
carol@folhaespirita.com.br | EXPEDIÇÃO: Arnaldo M. Orso "em memória", Sílvia do Espírito Santo e Silvana De Oliveira

Folha Espírita é uma publicação de FE - Editora Jornalística Ltda. - Av. Pedro Severino Jr., 325 - São Paulo - SP - CEP 04310-060 - Telefax: (11) 5585-1977 - CNPJ: 44.065.399/0001-64 - Insc. Mun. 8.113.8970 - Insc. Est. 109.282.551-110. Periodicidade: Mensal - www.folhaespirita.com.br - e-mail: folhaespirita@folhaespirita.com.br

FOTOS: LUISMAR ORNELAS



Mais de duas mil pessoas participaram da XI edição do Mednesp, o maior congresso de saúde e espiritualidade do mundo, no Rio de Janeiro



Público lotou as salas do Riocentro



Marta Antunes, da FEB;
Domingos Cabo, AME-Carioca;
Sonia Doi, AME-Internacional;
Gilson Luís Roberto, AME-Brasil;
Dilvado Franco; Luiz Felipe
Guimarães, AME-Carioca; e
Nelson Nahon, do Cremerj

de César Reis, seguida de uma apresentação cultural do tenor Alex Donatti.

No final do congresso foi lida Carta de Princípios, atualizando o conteúdo já veiculado em outros Mednesps e o pensamento da AME-Brasil frente aos desafios bioéticos que ocorrem dentro da Medicina. A Carta de Princípios pode ser acessada em sua íntegra no <http://www.amebrasil.org.br/2017/carta-bioetica-2017>.

br/2017/carta-bioetica-2017.

A palestra de encerramento do evento foi proferida pelo jornalista André Trigueiro, que abordou o tema *Viver é a Melhor Opção*. Na sequência, foi exibido vídeo em homenagem à dra. Marlene Nobre, no qual ela aparece dando entrevista sobre o paradigma médico-espírita.

Uma feliz coincidência marcou esse encontro: em 17 de junho a AME-Brasil comple-

tou 22 anos de fundação e em 18 de junho comemoramos a data de nascimento de Marlene Nobre.

Nossa gratidão a Luiz Felipe Couto Guimarães, presidente do Mednesp e da AME-Carioca, e a Domingos José Vaz do Cabo, coordenador do Mednesp, que estiveram à frente desse tão importante evento organizado com tanto carinho e dedicação.

No final ficou o “gostinho de quero mais” e o desejo que chegue logo o próximo Mednesp, em 2019, que será em Teresina, no Piauí. A AME-PI, liderada pela sua presidente, Kátia Marabuco, já iniciou os preparativos para receber todos os interessados em participar desse importante encontro de almas empenhadas no estudo da conexão entre ciência e espiritualidade.

Sáimos deste evento com o gostinho de quero mais e desejo de que chegue logo o próximo, em Teresina

MEDNESP 2017

Giovana Campos

“É importante educar especialistas em saúde mental a

O seminário internacional realizado durante o Mednesp 2017 contou com a presença de Chris Roe (foto), professor de Psicologia na Universidade de Northampton, no Reino Unido, e diretor do Centro para o Estudo de Processos Psicológicos Anômalos. Sua participação trouxe importantes informações relacionadas às pesquisas realizadas em sua universidade sobre Psicologia da Paranormalidade. Em sua fala, ele descreveu ao público as origens das pesquisas sobre a mediunidade em seu país e a necessidade que a comunidade científica tem de abordar o assunto, afastando a ideia de que experiências anômalas sejam algum transtorno mental.

Folha Espírita – Como a espiritualidade é vista no Reino Unido? Como os estudos e pesquisas são conduzidos no âmbito universitário?

Chris Roe – É difícil conduzir



pesquisas sobre paranormalidade no Reino Unido. Não há subsídio governamental para esse tipo de pesquisa, então dependemos de entidades que valorizam esse trabalho, que toca o aspecto transpessoal de nossas vidas, e se debruçam

sobre a possibilidade de uma consciência expandida. No entanto, há uma pequena, mas forte comunidade de acadêmicos (geralmente como parte dos departamentos de Psicologia) que estudam as experiências e crenças paranormais. Alguns desses trabalhos são relacionados a mostrar como nossas crenças e percepções podem ser erradas e explicar o que parece paranormal em termos reais e comuns. Outros mostram o oposto. Essas pesquisas proporcionam evidências para reivindicações controversas sobre telepatia e precognição, achados esses comparáveis em magnitude e consistência com outros em Psicologia. Outras focam como podemos ajudar as pessoas a entender as experiências paranormais e integrá-las, especialmente quando ocorrem de forma espontânea e inesperada, pois podem ser consideradas traumáticas, principalmente se

os psicoterapeutas não são treinados em lidar com elas. Esses estudos são importantes para ajudar a educar especialistas em saúde mental a reconhecer que essas experiências, embora não tão comuns, caem na variável de possibilidades que não se enquadram como patologias.

FE – Os estudos em paranormalidade são considerados como um importante campo de pesquisa?

Roe – As pesquisas em paranormalidade têm sido conduzidas desde que a Sociedade para Pesquisas Psíquicas – *Society for Psychical Research* (SPR) – foi fundada em 1882 pelo corpo acadêmico da Universidade de Cambridge, no Reino Unido. Desde então, uma contínua, mas pouca pesquisa envolvendo acadêmicos que têm interesse pessoal no fenômeno é realizada, não em tão grande escala de esforços sistemáticos como vemos em outras áreas de

estudo da Psicologia. Muitos estudantes – assim como o público em geral – são interessados nos fenômenos paranormais, mas o sistema os dissuade de seguir com esse tema de interesse. Mais do que analisar as evidências ou conduzir pesquisas originais para testar os fatos diretamente, a corrente padrão de resposta é que esses fenômenos são “impossíveis” e que aqueles que os reportam estão “equivocados” ou “iludidos”, até porque eles não conseguem apontar evidências que apoiem esses relatos.

FE – A mediunidade é aceita nas universidades?

Roe – A mediunidade é principalmente tratada mal, com respostas intelectualmente preguiçosas que referem ter sido um “engano” por parte do meio (particularmente um conjunto de técnicas chamadas de leitura a frio) e credulidade por parte do cliente ou relator. Existem al-

O testamento vital e a questão bioética

O Mednesp também foi marcado pela atualização da Carta de Princípios Bioéticos, que trouxe um tema atual: o testamento vital. Trata-se de decisões antecipadas em que o paciente, enquanto saudável, redige termos de conduta médica, especificando as ações que gostaria que fossem ou não tomadas, quando por ventura adoecer gravemente e não tiver condições de manifestar sua vontade. No entanto, quais os limites éticos a esse respeito? Há algum parâmetro espiritual a ser considerado? A *Folha Espírita* conversou com o médico intensivista e coordenador do Departamento de Bioética da AME-Brasil, dr. José Roberto Pereira



Santos (foto), sobre o assunto.

Folha Espírita – O que é o testamento vital?

José Roberto Pereira Santos – O testamento vital (TV) é um documento, redigido por uma pessoa no pleno gozo de suas fa-

culdades mentais, com o objetivo de dispor acerca dos cuidados, tratamentos e procedimentos a que deseja ou não ser submetida quando estiver com uma doença ameaçadora da vida, fora de possibilidades terapêuticas e impossibilitada de manifestar livremente sua vontade.

Também conhecido como decisão antecipada de cuidados de saúde, decisão pessoal, ou diretiva antecipada, é um documento em que uma pessoa especifica quais ações devem ser tomadas em relação aos seus cuidados de saúde, se ela já não é mais capaz de tomar decisões, por si própria, por motivo de doença ou incapacidade. Por exemplo: essa pessoa, aos 32

anos de idade, gozando de boa saúde física e mental, decide fazer um documento em que coloca que, ao sofrer um acidente e entrar em coma, e, se esse estado se prolongar por determinado período (estipulado no documento), não quer ser entubada ou colocada em uma UTI, em ventilação mecânica.

O testamento vital dispensa o advogado ou qualquer outra formalidade. Para que seja válido, ele deve ser escrito à mão, ou digitado, e assinado pela pessoa sem quaisquer rasuras. Recomenda-se a assinatura de mais três testemunhas e o registro em cartório.

Nos Estados Unidos, o TV já tem valor legal, enquanto que

em alguns países já é aceito, mas sem se constituir em documento legal. Tal entendimento tem gerado decisões, nesses países em que são permitidos, como, por exemplo, a eutanásia passiva de pessoas em coma vegetativo, por suspensão da alimentação e hidratação do paciente que manifestou, em vida, essa opção.

FE – Por que esse tema passou a ser uma preocupação dos médicos brasileiros?

Santos – Com o progresso constante da tecnologia na área médica e dos tratamentos intensivos, hoje, cada vez um número maior de pacientes sobrevive a doenças crônicas e situações clínicas graves, como infartos do miocárdio e aciden-

reconhecer que ‘experiências’ não são patologias”

guns dados muito interessantes de muitas experiências formais que foram realizadas pelos entusiastas do tema. Isso sugere que algumas evidências podem ser explicadas em termos normais, mas, ocasionalmente, elas vão muito além do que poderia ser possível, daí vistas como fraude. Esse material merece nossa atenção porque, se as afirmações são verdadeiras, elas falam de algo fundamental sobre o que é ser um ser humano. Houve um aumento na pesquisa sobre mediunidade nos últimos 15 anos ou mais, alguns dos quais eu me referi na minha palestra. Isso representa um desafio para os céticos. No verdadeiro espírito da prática científica, o próximo passo é ver se essas descobertas podem ser replicadas por pesquisadores independentes.

FE – Quais as experiências que você pode apontar sobre seus estudos?



No Reino Unido há uma pequena, mas forte comunidade de acadêmicos que estudam as experiências e crenças paranormais



Roe – Tive uma série de experiências relacionadas à mediunidade. Em meu doutorado há muitos anos estava preocupado com a possibilidade da leitura fria; isto é, as técnicas que exploram a Psicologia normal de uma forma que pode persuadir alguém que conhecemos. Minhas experiências confirmaram que as pessoas poderiam ser persuadidas de que alguém tinha habilidade psíquica ou mediúnica, mesmo quando estavam apenas usando a Psicologia convencional. No entanto, esse trabalho não teve como objetivo descartar reivindicações ou narrativas mediúnicas. Em vez disso, foi destinado a ajudar a identificar qualquer comunicação de médiuns que vá além do que é possível por métodos psicológicos e, portanto, pode fornecer evidências de sobrevivência. Desde então, fiz parte de uma equipe que desenvolveu vínculos com a comunidade

espiritualista no Reino Unido. Isso nos permitiu explicar-lhes as características essenciais do método científico e convidá-los a nos explicar as características essenciais da prática mediúnica. Um teste justo da mediunidade precisa reunir esses dois parâmetros em parceria, em vez de um ter prioridade sobre o outro. Passamos muito tempo a entender a experiência subjetiva da mediunidade, especialmente para explorar por que um conjunto de experiências que a profissão médica veria como indicativo de um diagnóstico, como distúrbio de identidade dissociativa ou esquizofrenia, podem ser relatados por pessoas psicologicamente saudáveis e funcionais.

FE – O que mais você gostaria de destacar?

Roe – Em minha palestra no Mednesp descrevi as origens da pesquisa de mediunidade no Reino Unido, começando com

a pesquisa inicial da Sociedade para Pesquisas Psíquicas (*Society for Psychical Research – SPR*) envolvendo sessões com médiuns. Mostrei como as explicações-padrão do contador para leituras bem-sucedidas podem ser levadas em consideração ao projetar testes experimentais. Apresentei os resultados de alguns estudos que são suficientemente positivos para acharmos que vale a pena investir tempo e energia para explorar isso ainda mais. A busca de prova precisa ser complementada com abordagens científicas que exploram a experiência dos médiuns e analisadas as implicações para a saúde mental, apoiando pessoas com experiências paranormais. Esse é um tópico importante e que acredito ser essencial abordar questões fundamentais para ganhar muito mais atenção da corrente científica do que atualmente recebe.

tes vasculares cerebrais, mas em condições de total dependência de outrem.

Muitas pessoas têm medo do sofrimento que poderão sentir nessas situações. Consideram que se estiverem incapazes, física ou mentalmente, poderão ser condenadas a uma morte lenta e com muito sofrimento. Entendem que o desejo explícito do paciente em um documento, enquanto em vida saudável, garantirá uma decisão mais fácil, tranquila e harmônica para a família, nas situações de doença grave e inconsciência, quando o indivíduo não puder mais se expressar; pois essa decisão prévia já será de conhecimento de todos.

Preocupado com essa situação, o Conselho Federal de Medicina (CFM) publicou, em 2012, uma Resolução (CFM nº 1995/2012) favorável ao testamento vital (chamado de diretivas antecipadas da vontade do paciente), que permite ao médico respeitar as vontades do paciente quando registradas previamente em um documento. Tal decisão gerou uma série de manifestações contrárias no meio jurídico e médico, por entender que isso é uma porta aberta para a legalização da eutanásia e que o CFM não tem poderes para tomar essa deliberação.

FE – Qual a posição da AME-Brasil sobre o tema?

Santos – O testamento vital

segue a proposta de um modelo utilitarista e hedonista de tratar a vida, em que a dor e o sofrimento são vistos como algo a ser evitado e não enfrentado; a vida é dirigida no sentido do prazer fácil e imediato e pode ser descartada quando tais objetivos não podem mais ser alcançados.

Não se trata, portanto, de buscar uma morte digna, pois a dignidade significa um propósito e um sentido para a vida. Digno é quem enfrenta o sofrimento sem precisar buscar a morte para evitá-lo.

A vida não se constitui só de alegrias e realizações, mas também de dificuldades, dores e sofrimentos. O sentido da vida é a

própria vida.

Nós, médicos espíritas, somos **contra** o testamento vital. Somos favoráveis à ortotanásia ou morte natural (entendida quando o paciente encontra-se em estado terminal). Somos favoráveis aos cuidados paliativos. Entendemos que o testamento vital é uma medida utilitarista e egoísta, que representa falta de fé na Providência Divina. Não nos é lícito definir como ou quando vamos morrer, ou se nossa morte vai ser sofrida ou não. Não podemos dispor da nossa vida, pois é um bem indisponível que só a Deus pertence. As dores e sofrimentos são decorrentes dos nossos atos (lei da ação e reação) e a melhor

maneira de termos uma morte digna é viver dignamente, seguindo os exemplos de Jesus.

O médico deve fazer todos os esforços possíveis para preservar a vida e aliviar o sofrimento dos pacientes. Não cabe a essa nobre função omitir tratamento que vai levar à morte, independentemente da vontade do paciente. Muitas vezes o paciente, em momentos de dor e sofrimento, vem a descobrir novos valores e encontrar um sentido para a vida, o que pode alterar sua atitude e a vontade manifestada anos atrás.

MEDNESP 2017

Giovana Campos

Cura e ecologia: como unir dois mundos para o alívio das

Como aplicar em nosso dia a dia o conhecimento que temos sobre nossa ecologia e o meio ambiente para usá-los em nosso favor, facilitando o processo de recuperação de algumas enfermidades? Seria esse um bom caminho para a nossa cura interior? Com base nessas ideias, o cardiologista e vice-presidente da AME-Arapiraca (AL), dr. Iuri Candiago, apresentou o tema de sua palestra no Mednesp 2017, que versou sobre a cura e a ecologia.

Folha Espírita – Como definir uma interação entre a cura e a ecologia?

Iuri Candiago – Entendendo *cura*, de acordo com o sentido etimológico do latim, significando cuidar, administrar; e *ecologia*, do grego *oikos* (casa), e *logos* (linguagem), podemos então ampliar os horizontes do que compreendemos como nossa casa. Segundo Léon Denis, “na planta, a inteligência dormita; no animal, sonha; só no homem acorda, conhece-se, possui-se e torna-se consciente...”. Portanto, se nós fomos habitantes de outras formas físicas que abrigaram a vida, que não a humana, impõe-se o respeito às outras formas de vida. No livro *Nosso Lar*, a benfeitora Narcisa nos ensina: “Não só o homem pode receber fluidos e emití-los. As forças naturais fazem o mesmo nos reinos diversos em que se subdividem. Para o caso do nosso enfermo, precisaremos das árvores. Elas nos auxiliarão eficazmente.” Assim, compreendendo nossa casa como sendo o planeta por completo



e ampliando o sentido de cuidar, estaremos agindo de maneira fraterna com as plantas, com os animais, com os seres humanos e, aqueles seres angelicais que seremos um dia, segundo a promessa do Divino Mestre, doando e recebendo os recursos preciosos para a manutenção do equilíbrio e da saúde mental.

FE – O binômio saúde-doença pode ser de alguma forma alterado com a ecologia?

Candiago – Podemos alterar o curso dos acontecimentos de duas formas. A primeira facilitando a recuperação do equilíbrio perdido atuando de forma decisiva na fraternidade e na simplicidade. Diz Lísias, no livro *Nosso Lar*: “... A causa dos seus males persistirá em si mesmo, até que se desfaça dos germes de perversão da saúde divina, que agregou ao seu corpo sutil pelo descuido moral e pelo desejo de gozar mais que os outros. A carne terrestre, da qual abusamos, é também o campo bendito em que conseguimos realizar frutuosos labores de cura radical, quando permanecemos

atentos ao dever justo.” Então, vivendo sem exageros (que consomem os recursos preciosos da natureza), estaremos preservando-nos da ambição que corrói por dentro e imprimimos uma rota segura e saudável aos nossos destinos. A segunda pode nos complicar ainda mais os sofrimentos: o médico Henrique de Luna, também no livro *Nosso Lar*, esclarece a André Luiz: “A moléstia talvez não assumisse características tão graves se o seu procedimento mental no planeta estivesse enquadrado nos princípios da fraternidade e da temperança. Entretanto, seu modo especial de conviver, muitas vezes exasperado e sombrio, captava destruidoras vibrações naqueles que o ouviam... Tal circunstância agravou, de muito, o seu estado físico.” Logo, conviver com respeito e amor à natureza nos faz haurir fluidos consoladores e restauradores da paz.

FE – Como mensurar os benefícios da ecologia para a cura?

Candiago – De acordo com o contexto que elegemos

“Conviver com respeito e amor à natureza nos faz haurir fluidos consoladores e restauradores da paz”

“A cura que realmente precisamos é a definitiva, ou seja, a emocional e psíquica, pois, se a mente não for sã, será apenas questão de tempo para a enfermidade se instalar”

para o relacionamento com a natureza e o número de indivíduos que o elegem em seus vários níveis, podemos ter uma ideia quantitativa da relação com a criação divina. Há os que exercem a competição por espaço (fama), pelo alimento ou por parceiros para a reprodução, por poder, dinheiro; outros agem como verdadeiros predadores ou parasitas e há os que elegem a simbiose para direcionar suas vidas, cooperando mutuamente para a sobrevivência. Se nos relacionamos de forma agressiva com a doença que nos aflige, certamente os vírus ou bactérias envolvidos nos processos infecciosos se multiplicarão, já que nos retroalimentamos de energias inferiores induzindo a deterioração orgânica e imune. Se escolhermos interagir de forma construtiva e reagirmos no sentido da busca da fraternidade, seja na companhia de um cão, de plantas, ou até mesmo conversando com o nosso corpo, com as células, teremos resultados benéficos. A recuperação em ambientes com música relaxante, com fontes de água corrente, com plantas medicinais ou frutíferas nos impele a melhorar mais rapidamente do que os que ficam ensimesmados. Pessoas otimistas e gratas a Deus se recuperam mais rápido e dificilmente adoecem.

FE – Essa cura pode ser emocional e psíquica, além da física?

Candiago – Eu diria que a cura que realmente precisa-

enfermidades?

mos é a definitiva, ou seja, a emocional e psíquica, pois, se a mente não for sã, será apenas questão de tempo para a enfermidade se instalar. Além disso, poderemos estar fisicamente enfermos, mas, se a alma estiver resolvida no bem, nasce uma força poderosa que faz cintilar o ser eterno, demonstrando a coragem de resistir às aflições. Essa sim é a cura verdadeira.

FE – A ecologia hoje é uma preocupação constante do ser humano, ou somente quando ele se vê afetado ou prejudicado?

Candiago – Na maioria das vezes, pensamos na recuperação da saúde somente quando a perdemos. Isso se dá porque temos prioridades diferentes de acordo com nosso ponto de vista. Se somos afetados pela falta de água potável, economizamos. Quando solucionado o problema, voltamos ao comportamento

anterior. Raras são as pessoas que veem o resultado da falta de cuidado no presente que culminará no futuro.

FE – É possível estimular atitudes de interação entre a cura e a ecologia para sanar enfermidades? Mesmo em ambientes hospitalares?

Candiago – Muito já se faz nos tratamentos com animais como os de equoterapia, por exemplo. Já que os relacionamentos afetivos nos fazem bem, seria interessante lembrar os momentos agradáveis que tivemos com os animais de estimação, dos ambientes aconchegantes na natureza em que estamos sós com o pensamento em Deus. Podemos até mesmo conversar fraternalmente com os seres microscópicos que, na forma de bactérias ou vírus, tentam nos enfraquecer. Quando o amor se coloca à disposição para ajudar, conseguimos verdadeiros milagres, de acordo com a

mensagem do meigo Nazareno: “Vós sois deuses, podereis fazer isso e muito mais.”

FE – Quais outras colocações você gostaria de deixar sobre o tema?

Candiago – Se nos lembrarmos de que a vida não está circunscrita ao que nossos olhos podem ver e que há seres microscópicos, seres fluidicos e que a vida pulula por toda parte, entenderemos que a natureza tangível e a intangível fazem parte de um todo criado para a evolução. Ontem habitávamos invólucros microscópicos em seus vários reinos evolutivos. Depois invólucros vegetais, animais e, hoje, humanos. Mas a evolução não para aí. No futuro, a pureza da angelitude nos espera. Quando será? “Quando compreendermos a verdade, ela nos libertará.” O amor é força poderosa e criativa, assimiladora do Criador, energia transformadora e redentora para nós e todos os seres da criação.

ESPIRITISMO NA WEB

CURSO DE PEDAGOGIA ESPÍRITA ON-LINE
www.cursopedagogia.net.br



O Curso Online de Pedagogia Espírita é totalmente gratuito. Trata-se de uma iniciativa do Instituto de Difusão Espírita (IDE), que oferece seminários e cursos para educadores e evangelizadores espíritas há mais de 30 anos. O curso é organizado por uma equipe de pedagogos, professores, psicólogos e evangelizadores, todos com vasta experiência na área, tanto na teoria quanto na prática pedagógica e nas atividades artísticas. A coordenação está a cargo do professor Walter Oliveira Alves, pedagogo, professor e psicanalista. Acesse e participe!

Lançamento

16x23cm
224 páginas
Edison Carneiro



Nesta biografia, Francisco e Clara expõem o amor que necessitamos sentir e praticar com relação a Deus e às criaturas.

Suas lições não fluem das palavras, mas depreendem-se dos seus atos, de sua vivência do Evangelho de Jesus, exemplificando em suas vidas o verdadeiro amor, caritativo e humilde.

Conquanto suas vidas tenham se desenrolado há oito séculos, o cenário social dominado pela ambição, ganância, e ignorância, guarda semelhança com os tumultuados dias do início do século 21.

Hoje, como naquele tempo recuado, se afirma a necessidade da Santa Pobreza, ou seja, a pobreza do espírito a significar humildade, e a pobreza material a significar desprendimento, para o exercício do amor, caminho luminoso para a conquista da liberdade interior, erradicando de nossas almas o orgulho agressivo e o egoísmo possessivo.

Tel.: 2105-2600 | www.editoraalianca.com.br | distribuidora@editoraalianca.com.br

BIBLIOTECA

Giovana Campos

A relação cérebro-mente no paradigma médico-espírita

O *Cérebro Triúno*, lançamento da Editora AME-Brasil no Mednesp 2017, aborda a concepção pioneira de um *cérebro triúno* que interage com os três andares de nossa casa mental. É uma obra de estudo, que reúne os conhecimentos passados pelo espírito André Luiz, pela mediunidade de Chico Xavier, até achados mais recentes no campo cérebro-mente, que



traz, de forma didática, uma leitura que vai propiciar mais elementos para o entendimento do paradigma médico-espírita.

Segundo os autores dr. Décio Landoli Júnior, dra. Irvênia Luiza Santis Prada e dr. Sérgio Luis Lopes, a ideia do livro foi a de oferecer ao leitor, seja ele profissional de Saúde ou leigo, um estudo cuidadoso das interessantes informações prestadas pelo mentor Calderaro a André Luiz, em seu livro *No Mundo Maior* (capítulos 3 e 4), lançado em 1947, comparando-as com dados

correspondentes da literatura acadêmica atual. “Nesse livro foi nosso objetivo, também, mostrar o pioneirismo de André Luiz ao nos trazer conhecimentos científicos que antecederam de décadas aqueles adquiridos em pesquisas da ciência convencional, como aconteceu com verdadeiras revelações sobre a estrutura e funções da glândula pineal e o fato de que a inteligência atua sobre o citoplasma celular.”

Na primeira parte, redigida por Irvênia Prada, sob o enfoque neuroanatômico, foram

identificadas as estruturas cerebrais que integram cada uma das três partes do cérebro, segundo Calderaro (cérebro inicial, região intermediária e lobos frontais) e correspondentes funções, relacionando-as com os três andares da nossa casa mental. Na segunda parte, Décio Landoli Jr., sob a égide da *Neurofisiologia Transdimensional*, discute conceitos sobre mente e consciência e ainda aborda aspectos relevantes da bioquímica cerebral, bem como da “assimetria” orgânica e funcional entre os

dois hemisférios cerebrais. Por fim, na terceira parte, Sérgio Lopes correlaciona as leis morais, conforme constam de *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec, com os três andares da casa mental e correspondentes segmentos cerebrais. O livro é de composição triúna, a autoria é triúna, mas a obra no seu conjunto foi impregnada pela intenção dos autores de prestar homenagem à líder e mentora Marlene Nobre, fundadora da Associação Médico-Espírita do Brasil, que desencarnou há dois anos.

CASA DE REPOUSO ALLAN KARDEC - ITAPIRA - SP



Uma vida boa
para quem já viveu
muitas vidas.

Uma casa de repouso voltada para oferecer uma vida boa, com conforto, atenção e carinho, em regime de longa permanência, a quem já viveu muitas vidas.

Saiba mais: visite
www.casadereposoallankardec.com.br
Itapira - SP - Fone: 19 3863.1577



EDUCA A TUA ALMA



Sandra Marinho

é palestrante do Grupo Espírita Cairbar Schutel e apresentadora do programa Portal de Luz

Cada um vê conforme seu prisma

Já perceberam como cada pessoa entende um mesmo ambiente ou uma mesma situação de modo diferente?

Isso porque cada um de nós compreende o que se passa, externamente ao nosso ser, de acordo com os nossos sentimentos e experiências próprias e conforme o nosso mundo interior.

Nesse sentido, externamos o nosso Eu na nossa forma de ver e reagir ao que se passa ou ao que nos chega do mundo exterior.

A questão está exatamente na extensão dessa visão. Até onde enxergamos o que se passa fora do nosso Eu?

“O mundo é grandioso, as leis da natureza são infinitas e incomensuráveis. Todos nós, criaturas de Deus, estamos mergulhados nesse manancial infinito. Quanto mais avançarmos nessa grandiosidade, colheremos todas as expressões de beleza e sabedoria

É fundamental que nos façamos essa pergunta se de fato estamos empenhados em promover a nossa reforma íntima.

No livro *Pão Nosso*, de autoria do espírito Emmanuel, psicografado por Chico Xavier, encontramos a lição intitulada *Contempla Mais Longe*, que nos ensina:

Para o esquimó, o céu é um continente de gelo, sustentado a focas.

Para o selvagem da floresta, não há outro paraíso, além da caça abundante.

Para o homem de religião sectária, a glória de além-túmulo pertence exclusivamente a ele e aos que se lhe afeiçoam.

Para o sábio, este mundo e os círculos celestiais que o rodeiam são pequeninos departamentos do Universo.

E o mentor orienta:

Transfere a observação para o teu campo de experiência diária e não olvides que as situações externas serão retratadas em teu plano interior, segundo o material de reflexão que acolhes na consciência.

Se perseverares na cólera, todas as forças em torno te parecerão iradas.

Se preferes a tristeza, anotarás o desalento, em cada trecho do caminho.

Se duvidas de ti próprio, ninguém confia em teu esforço.

Se te habituaste às perturbações e aos atritos, dificilmente saberás viver em paz contigo mesmo.

Respirarás na zona superior ou inferior, torturada ou tranquilamente. E, dentro da organização na qual te comprazes, viverás com os gênios que invocas. Se te deténs no repouso, poderás adquiri-lo em todos os tons e matices, e, se te fixares no trabalho, encontrarás



mil recursos diferentes de servir.

A conclusão do mentor é lógica e não deixa dúvidas. É só imaginarmos alguém que tem mania de perseguição. Acha-se injustiçado e perseguido e por isso está sempre na defensiva, colocando-se na retaguarda, pronto para atacar diante da menor possibilidade de ser prejudicado.

Em qualquer situação e em qualquer lugar em que esteja, até mesmo a mais corriqueira, sente-se ameaçado e reagirá desproporcionalmente em franco desequilíbrio.

Sem nos dar conta, passa-

mos pela vida nos desgastando, perdendo oportunidades preciosas para aprender e evoluir, porque nos bitolamos no próprio ego, tornando-nos praticamente cegos, sem enxergar muito além do nosso nariz.

Ao final da lição, Emmanuel conclui:

Em torno de teus passos, a paisagem que te abriga será sempre em tua apreciação aquilo que pensas dela, porque com a mesma medida que aplicares à Natureza, obra viva de Deus, a Natureza igualmente te medirá.

É isso. O mundo é grandioso, as leis da natureza são infinitas

e incomensuráveis. E todos nós, criaturas de Deus, estamos mergulhados nessa vastidão, nesse manancial infinito. E quanto mais avançarmos nessa grandiosidade, colheremos todas as expressões de beleza e sabedoria.

No entanto, para que isso nos ocorra, devemos nos estender em atitudes, abrindo-nos para esse infinito, que não nos coloca quaisquer restrições, quando nos lançamos de boa vontade para fazer parte harmoniosa do grandioso conjunto.

Que tal, a partir de agora, procurar enxergar um pouco mais longe?

CANTINHO DO EVANGELIZADOR

Inclusão escolar – mais um desafio

A escola de evangelização espírita existe para auxiliar a criança e o jovem no seu aperfeiçoamento espiritual, bem como para oferecer ao espírito encarnado não a simples instrução, mas recursos para sua formação moral. Enquanto a escola convencional, de ensino regular, trata da educação formal, da instrução, a escola de evangelização cuida da formação moral e do preparo para a vida.

Não é nosso objetivo misturar as estações, mas há alguns anos estamos enfrentando um novo desafio: saber lidar com a criança que apresenta alguma deficiência e necessita se engajar no trabalho doutrinário. A grande preocupação é que o nosso despreparo possa desencadear mais problemas ainda, e até mesmo agravar os já existentes, reforçando nessa criança o auto-conceito negativo, a desmotivação, o desinteresse e outros mecanismos de defesa, como a indisciplina, rebeldia ou agressividade, que utiliza para justificar a sua incompetência diante da aprendizagem, acreditando-se incapaz de internalizar novos conhecimentos.

Precisamos repensar os nossos planejamentos e projetos pedagógicos a fim de que possamos intervir junto às dificuldades desses alunos incluídos. O Brasil assumiu o compromisso de inclusão em 1990, quando a Unesco reuniu os países em Jomtien, na Tailândia. O projeto só tomou forma a partir de 1994, na Espanha, com a Declaração de Salamanca.

Do ponto de vista espiritual, somos inspirados e instruídos continuamente a atuar de forma ostensiva junto aos que pre-

cisam encarnar para prosseguir seu processo evolutivo. Basta verificar as questões 367, 368 e 768 de *O Livro dos Espíritos*:

367. *Unindo-se ao corpo, o Espírito se identifica com a matéria?*

“A matéria é apenas o envoltório do Espírito, como o vestuário o é do corpo. Unindo-se a este, o Espírito conserva os atributos da natureza espiritual.”

368. *Após sua união com o corpo, exerce o Espírito, com liberdade plena, suas faculdades?*

“O exercício das faculdades depende dos órgãos que lhes servem de instrumento. A grosseria da matéria as enfraquece.”

a) *Assim, o invólucro material é obstáculo à livre manifestação das faculdades do Espírito, como um vidro opaco o é à livre irradiação da luz?*

“
Do ponto de vista espiritual, somos inspirados e instruídos continuamente a atuar de forma ostensiva junto aos que precisam encarnar para prosseguir seu processo evolutivo
”



*“É, como vidro muito opaco.”
Pode-se comparar a ação que a matéria grosseira exerce sobre o Espírito à de um charco lodoso sobre um corpo nele mergulhado, ao qual tira a liberdade dos movimentos.*

768. *Procurando a sociedade, não fará o homem mais do que obedecer a um sentimento pessoal, ou há nesse sentimento algum providencial objetivo de ordem mais geral?*

“O homem tem que progredir. Insulado, não lhe é isso possível, por não dispor de todas as faculdades. Falta-lhe o contato com os outros homens. No insulamento, ele se embrutece e estiola.”

Homem nenhum possui faculdades completas. Mediante a união social é que elas umas às outras se completam, para lhe assegurarem o bem-estar

e o progresso. Por isso é que, precisando uns dos outros, os homens foram feitos para viver em sociedade e não insulados.

As crianças especiais são espíritos encarnados em situação de prova ou expiação, que precisam reencarnar e conviver em sociedade para completarem suas habilidades. Abaixo, algumas simples instruções quanto às necessidades das crianças especiais:

O aluno com deficiência auditiva precisa de um intérprete de Libras (língua brasileira de sinais) ou que o professor fale em frente a ele para que possa ler seus lábios, além de recursos visuais.

O aluno com deficiência visual carece de todo um material em Braille, além de marcações no piso para o seu percurso e mapas táteis para

sua localização.

O aluno com síndrome de Down necessita de um currículo prático com atividades que sejam multissensoriais e que ativem a motricidade.

O aluno hiperativo requer um atendimento individualizado que estabeleça com clareza as regras, uma relação olho no olho.

O aluno com paralisia cerebral demanda recursos pedagógicos adaptados às suas limitações e capacidades. **(WGI)**

Fontes: Evangelização Educação Especial www.cvdee.org.br/evangelize/pdf/1_0838.pdf; Plano de trabalho para a área de infância e juventude 2012-2017 – FEB; Dicas Úteis para a Prática Pedagógica da Evangelização – FEB

PAPO CABEÇA



Walther Graciano Júnior
é pedagogo

Nunca Me Sonharam

Nunca Me Sonharam é mais um longa-metragem do diretor Cacau Rhoden, que estreou em junho, em circuito comercial nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. Enquanto seu primeiro trabalho tratava da importância das brincadeiras infantis para a formação social, intelectual e afetiva (*Tarja Branca – A Revolução Que Faltava*), *Nunca Me Sonharam* volta-se para o universo dos adolescentes.

O filme traz histórias de alunos que tiveram de abandonar os estudos para trabalhar, de estudantes que deixaram as salas de aula por se sentirem incapazes de acompanhar o desenvolvimento dos outros colegas, e de jovens que simplesmente não entendem como o que eles aprendem na escola pode lhes ser útil para a vida e para conseguirem um lugar melhor na sociedade e no mercado de trabalho.

“Como meus pais não foram bem-sucedidos na vida, eles também não me influenciavam, não me davam força para estudar. Achavam que quem entrava na universidade era filho de rico. Acho que eles não acreditavam que o pobre

“

O filme reflete sobre o valor da educação, mostra que é preciso deixar os jovens sonharem e que os sonhos deles podem, sim, fazer do Brasil um país menos desigual

”

também pudesse ter conhecimento, que pudesse ser inteligente. Para eles, o máximo era terminar o Ensino Médio e arrumar um emprego: trabalhador de roça, vendedor, alguma coisa desse tipo. Acho que nunca me sonharam sendo um psicólogo, nunca me sonharam sendo professor, nunca me sonharam sendo um médico, não me sonharam. Eles não sonhavam e nunca me ensinaram a sonhar. Tô aprendendo a sonhar.” A declaração do estudante Felipe Lima dá nome e sintetiza bem o espírito do documentário.

Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad-IBGE, 2015), 82% das crianças e jovens até 19 anos que estão estudando no Brasil são atendidos pela escola pública e 1,6 milhão de adolescentes de 15 a 17 anos estão fora das salas de aula. Ou seja, 38% da juventude brasileira não está no Ensino Médio.

No filme, gestores, professores e especialistas dão depoimentos muito precisos e preciosos para a condução do processo educacional e social. Entretanto, são os depoimentos dos alunos que mostram a



força e a iniciativa para promover mudanças, basta que suas ideias e opiniões sejam ouvidas e levadas em consideração. *Nunca Me Sonharam* reflete sobre o valor da educação, mostra que é preciso deixar os jovens sonharem e que os sonhos deles podem, sim, fazer do Brasil um país menos desigual.

Nas cidades onde não es-

tiver em cartaz nos cinemas, o documentário estará disponível para exibições públicas gratuitas no Videocamp, videocamp.com, uma plataforma de distribuição on-line de filmes de interesse social.

Fontes: Videocamp, Rede Brasil Atual, Maria Farinha Filmes



**Sociedade Brasileira de
Terapia de Vida Passada**

Curso de formação de terapeutas para médicos e psicólogos em São Paulo-SP, Belo Horizonte-MG, Rio de Janeiro-RJ, Santos-SP, Bauru-SP, Jundiaí-SP e Vale do Paraíba-SP.
Turmas em formação ao longo de todo ano com no mínimo de 5 alunos nas cidades sede.
Inscrições e informações: sbtvp@sbtvp.com.br
www.sbtvp.com.br

Rádio Boa Nova TV Mundo Maior

“A maior caridade que podemos fazer pela Doutrina Espírita é a sua própria divulgação.”
Emmanuel




www.radioboanova.com.br www.tvmundomaior.com.br





W.A. Cuin

é administrador de empresas, escritor e pres. da Associação Beneficente Irmão Mariano Dias, em Votuporanga (SP)

A posse em benefício de todos

– O desejo de possuir é natural?

– Sim, mas quando o homem só deseja para si e para sua satisfação pessoal, é egoísmo. (Questão 883, de *O Livro dos Espíritos*, Allan Kardec)

Indiscutivelmente, a criatura humana necessita dos bens materiais para viver aqui, na Terra. Obviamente, ninguém contestará tal assertiva, pois que requisitos básicos como alimentação, vestuário, remédios, abrigo, dentre outros, são totalmente indispensáveis a todos. Condenável é o excesso.

O que tem causado tremendo desequilíbrio material no contexto da sociedade em que vivemos é que poucos possuem muito e muitos contam com tão pouco, criando uma disparidade identificável e reconhecida que tem originado um clima de enorme insegurança e insatisfação entre os homens.

Alguns retêm para si e para sua satisfação pessoal ou familiar grandes fortunas e enorme quantidade de bens materiais, enquanto outros não conseguem, embora se esforcem, nem mesmo o mínimo para uma sobrevivência digna.

Sem dúvida, a má distribuição das rendas é o nascedouro de infindáveis conflitos. E o que é ainda pior, criaturas e povos que já contam com muito ainda querem mais, muito mais, sem se sensibilizarem com a penúria de quem nada possui. Daí surgem os conflitos pessoais e as grandes contendas internacionais.

O desejo de possuir é

muito natural, mas de possuir somente o necessário, o indispensável para que vivamos de forma digna, pois o que sobra em nossa residência, sem dúvida, estará faltando na casa de alguém.

Também a distribuição indiscriminada e sem qualquer critério não seria a solução para o correto ajuste material no seio da humanidade. Imperioso se torna que todos tenham consciência e oportunidades para adquirir o básico necessário, mas, para tanto, não podemos ol-



O desejo de possuir não é um erro, nem comportamento egoísta, quando desejamos o necessário. O equívoco está em reter mais do que precisamos, pois, daí em diante, alguém estará privado do necessário



vidar a necessidade de educar o povo.

Somente a educação será capaz de quebrar as resistentes cascas do egoísmo que impera em nossos corações. Geralmente, quando estamos devidamente atendidos e satisfeitos, pouco ou quase nunca pensamos naqueles que vivem em extrema carência material. Às vezes, em situações tão extremas que a criatura acaba perdendo as bases do equilíbrio, derrapando pelos desfiladeiros de comportamentos indignos e perigosos, com terríveis reflexos para a segurança e estabilidade social.

Não podemos negar que homens existem que estão em extrema miséria por deli-

beração própria, em que o comodismo e a preguiça ditam suas normas. Também não podemos criticar aqueles que com enormes esforços juntaram grandes fortunas. Apenas precisamos refletir que os bens materiais devem estar a serviço de todos.

Erra o preguiçoso que vive da caridade alheia, como erra o afortunado que pensa somente em si. O primeiro desconhece os valores do trabalho, o segundo continua cultuando o egoísmo.

Louváveis são os grandes impérios financeiros que distribuem empregos e renda a tantas famílias, como merece o nosso aplauso o pequeno empresário que dá oportunidade de trabalho mesmo

que seja a uma única pessoa.

Lamentável será sempre o acúmulo, a especulação, os cofres trancados, enquanto ao nosso lado segue a fila daqueles que imploram por um prato de comida, uma oportunidade de trabalho ou uma chance de ganhar seu próprio sustento, com seu esforço.

O desejo de possuir não é um erro, nem comportamento egoísta, quando desejamos o necessário. O equívoco está em reter mais do que precisamos, pois, daí em diante, alguém estará privado do necessário.

A paz que queremos estará mais à frente quando aprendermos a repartir os bens materiais que a Terra nos oferece.

O CÉU E O INFERNO



Richard Simonetti
é escritor e primeiro vice-presidente do Centro Espírita
Amor e Caridade, em Bauru (SP)

Suicidas

Entre o passado e o presente

Antônio Bell, contador de uma casa bancária no Canadá, suicidou-se em 28 de fevereiro de 1865.

Em *O Céu e o Inferno* Kardec informa que recebeu as seguintes informações a respeito dele, vindas de um médico e farmacêutico que morava na mesma cidade:

Eu conhecia Bell há mais de vinte anos. Era um homem inofensivo e pai de uma família numerosa.

Há algum tempo, ele imaginara ter comprado veneno na minha loja e que o usara envenenando alguém. Viera muitas vezes me suplicar que lhe dissesse em que época eu lhe vendera, e entregava-se então a delírios terríveis. Perdia o sono, acusava-se, batia no peito.

Sua família vivia numa ansiedade contínua, das quatro horas da tarde até nove horas da manhã, momento em que ele ia à casa bancária onde mantinha seus livros de uma maneira muito regular, sem nunca cometer um único erro.

Ele tinha o costume de dizer que um ser que ele sentia em si lhe fazia manter a contabilidade com ordem e regularidade. No momento em que parecia estar convencido do absurdo de seus pensamentos, exclamava: “Não, não, quereis enganar-me... eu me recordo... é a verdade...”

Um caso interessante, leitor amigo, de um homem atormentado por alucinações que acabaram por levá-lo ao suicídio.

Evocado por Kardec, após ser beneficiado pela oração, explicou a origem de seus problemas, em existência anterior:

Infelizmente, há muito tempo já, eu vivia numa cidade cujas muralhas eram banha-

das pelo mar do Sul. Eu amava uma bela e jovem garota que correspondia ao meu amor; mas eu era pobre, e fui repellido pela família dela. Ela me anunciou que ia desposar o filho de um negociante cujo comércio se estendia além dos dois mares, e eu fui mandado embora.

Louco de dor, decidi matar-me, depois de ter saciado minha vingança assassinando meu rival execrado. No entanto, os meios violentos me repugnavam; eu tremia à ideia desse crime, mas meu ciúme levou a melhor.

Na véspera do dia em que minha bem-amada devia ser dele, ele morreu envenenado pelos meus cuidados, achando eu esse meio mais fácil. Assim se explicam essas reminiscências do passado. Sim, eu já vivi, e é preciso que reviva ainda... Ó meu Deus, tende compaixão da minha fraqueza e das minhas lágrimas.

Em princípio, Antônio Bell, conforme explica a Kardec, não pensou em consumir sua intenção de matar-se, porém, com o tempo, atormentado, acabou por enforcar-se.

Sofreu muito no mundo espiritual, perseguido pela tormentosa visão de seu crime, em vivo remorso, livrando-se, enfim, pelo arrependimento e pelas preces.

Reportando-se à experiência presente, diz Antônio Bell:

Recomecei mais uma vez a vida, a última, e atravessei-a pacífico e temeroso. Tinha em mim uma vaga intuição da minha fraqueza nativa e da minha falta anterior cuja recordação latente eu conservara. Mas um Espírito obsessor e vingativo, que não é outro senão o pai da minha vítima, não teve grande



dificuldade em tomar conta de mim e fazer reviver no meu coração, como num espelho mágico, as recordações do passado.

Influenciado alternadamente por ele e pelo guia que me protegia, eu era o envenenador ou o pai de família que ganhava o pão de seus filhos pelo seu trabalho.

Percebe-se que as alucinações que o infelicitavam, a reminiscência do crime praticado, eram disparadas a partir da influência do pai de sua vítima no passado. Não obstante, havia momentos de estabilidade quando seu mentor neutralizava a malfazeja influência.

Pergunta ao guia do médium:

Um Espírito obsessor pode, realmente, induzir ao suicídio?

Seguramente, pois a obsessão que, em si mesma, é um gênero de prova, pode revestir todas as formas; mas não é uma desculpa. O homem tem sempre seu livre-arbitrio, e, por conseguinte, é livre para ceder ou resistir às sugestões das quais é alvo; quando sucumbe é sempre

pelo fato da sua vontade.

Um obsessor pode induzir alguém ao suicídio, apresentando-o como porta de salvação para seus males, mas não pode obrigá-lo a matar-se.

Imaginemos um espírito a buzinar em nossos ouvidos, no alto de um penhasco: salte, você vai voar, será delicioso...

No entanto, ele não poderá obrigar-nos, razão pela qual não nos eximiremos da responsabilidade.

Continua o guia:

O Espírito tem razão, além disso, quando diz que aquele que comete o mal por instigação de outro é menos repressível e menos punido do que quando o comete por seu próprio movimento; mas não é inocentado, porque, a partir do momento em que se deixa desviar do caminho reto, é porque o bem não está suficientemente enraizado nele.

Há circunstâncias agravantes e atenuantes para o suicídio. No caso presente, a influência espiritual foi atenuante, embora não o livran-

do de consequências.

Outra pergunta, de suma importância:

Como, não obstante a prece e o arrependimento terem libertado esse Espírito da visão tormentosa da sua vítima, pôde ele ser atingido pela vingança de um obsessor na última encarnação?

O arrependimento, como sabeis, não é senão o preliminar indispensável da reabilitação, mas ele não basta para libertar o culpado de toda pena; Deus não se contenta com promessas; é preciso provar, pelos seus atos, a solidez do retorno ao bem; é por isso que o Espírito é submetido a novas provas que o fortalecem, ao mesmo tempo em que elas o fazem adquirir um mérito a mais quando sai delas vitorioso. Ele é alvo das perseguições dos maus Espíritos, até que estes o sintam suficientemente forte para lhes resistir; então eles o deixam em paz, porque sabem que suas tentativas seriam inúteis.

A ação de espíritos perturbadores em nós é mera consequência da inferioridade humana, particularmente quando há a chamada sintonia devedor/credor, em que somos vulneráveis à influência daqueles que cobram por passadas ofensas.

Nossa defesa está na ação incessante no bem, no empenho perseverante em favor de nossa própria renovação, à luz do Evangelho, modificando as disposições dessas entidades com a força irresistível do exemplo, ou simplesmente mantendo-as afastadas com a elevação de nosso padrão vibratório.

Se fazemos luz em nós, não há acesso para as sombras.

MEDNESP 2017

Giovana Campos

“O mundo de regeneração não pode ser evoluído moral e eticamente e destruído ambientalmente”

Em palestra magna sobre Mundo Sustentável – o Cuidado Integral para um Planeta em Crise, o jornalista André Trigueiro, pós-graduado em Gestão Ambiental, discorreu sobre as belezas e angústias de nosso mundo atual frente aos novos desafios enfrentados pela Ecologia. Apresentou, de forma didática, como a nossa saúde, nesta ou em próximas encarnações, pode ser afetada caso uma atitude mais eficaz por parte de todos não seja colocada em prática. Defendeu a evolução ética em prol do coletivo, mantendo a ecologia e a espiritualidade como ferramentas que devem andar lado a lado em busca da manutenção da vida e da biodiversidade. O jornalista também aproveitou a ocasião para autografar os livros *Cidades e Soluções* (lançamento) e *Viver É a Melhor Opção*, tema de sua palestra de encerramento do Mednesp 2017.

Folha Espírita – É possível delinear uma ponte entre saúde, espiritualidade e meio ambiente?

André Trigueiro – Essa ponte sempre existiu e nós, talvez no apogeu da metodologia científica, esquetejando o saber e o conhecimento, deixamos de fazer as conexões. É possível saúde física, mental e espiritual nos termos que a Organização Mundial de Saúde (OMS) define saúde, sem o ambiente igualmente saudável e resiliente? Precisamos de água pura para beber, ar descontaminado de poluentes e toxinas, terra fértil. A gente precisa de comida boa que não seja impregnada de



LUISMAR ORNELAS

Trigueiro tratou, em suas palestras, de temas ligados ao nosso planeta e à vida

veneno, isso para ficarmos no território do básico. Na minha apresentação, mostrei estudos da OMS que apontam a intercorrência de índices cada vez mais preocupantes de mortalidade agravados por níveis igualmente preocupantes de intervenção nefasta e hostil nossa no meio ambiente. Pelo menos 100 doenças catalogadas passaram a ter importância estatística a partir de um meio ambiente destruído. Então, temos um link, uma relação muito clara entre saúde e meio ambiente. Espiritualidade: a gente precisa pensar! Na condição de encarnados neste planeta, falamos, no Espiritismo, de reforma íntima, caridade, evolução moral e ética, e isso não pode estar des-

provido de cuidado com a casa comum. O mundo de regeneração não pode ser um mundo evoluído moral e eticamente e destruído ambientalmente. A gente precisa prestar atenção no que está acontecendo em volta. Pela primeira vez na história da Igreja um papa resolve fazer uma encíclica abordando explicitamente a relação que existe entre paz e meio ambiente. Kardec, no século 19, consagra um capítulo inteiro das Leis Morais que é a Lei de Conservação, em que fala sobre o necessário e o supérfluo, da importância do consumo consciente, como um alerta, uma advertência em relação a uma postura que é incompatível com ética, com evolução moral... Precisamos

estar atentos porque saúde, espiritualidade e ambiente são elos de uma mesma cadeia e, se não está bom para todo mundo, não está bom para ninguém.

FE – As pessoas estão mais conscientes da necessidade de se cuidar integralmente desses três aspectos?

Trigueiro – Não há dúvida disso, mas falta atitude. Ser politicamente correto não significa que você constrói uma convicção no exercício da cidadania, de que você está agindo politicamente de forma adequada. Não basta termos uma postura *eco-friendly*, precisamos ser ativos e, nesse sentido, o passo é mais lento.

FE – Há uma forma de motivar todos a uma postura mais

pró-ativa para salvaguardar a natureza e, por consequência, nosso bem-estar espiritual?

Trigueiro – Denunciando os riscos de colapso. São Paulo é uma cidade que, de 2013 a 2014, experimentou a mais draconiana e severa estiagem. O sistema Cantareira apontou uma seca tal que o paulistano começou a beber e tomar banho com água de volume morto. Estamos durante o primeiro racionamento de água da história de Brasília. Hoje alguns especialistas denunciam a maior estiagem na história do Nordeste, seguramente a pior em 100 anos. Há quem diga que é a pior da história. E estou falando de estiagem seca no País campeão mundial de água doce! Sabendo usar, não vai faltar. Precisamos descobrir o papel da informação no jornalismo, do educador na escola e na universidade e o papel das tradições de espíritas, que precisam abrir espaço nas palestras públicas para denunciar o risco do colapso. Nós podemos deixar como herança, legado para gerações futuras ou para nós mesmos em outra encarnação se tivermos o mérito de encarnar em um mundo mais evoluído moral e eticamente que é o mundo de regeneração. A pedagogia da dor infelizmente é a mais eficiente. Se não for pelo amor, que é o que eu tenho de fazer, vai ser pela dor. De uma forma ou de outra, esse aprendizado precisa ter lugar.

As palestras de André Trigueiro, assim como as demais, estão disponíveis para a aquisição em www.mednesp2017.org.br ou pelo telefone (21) 2215-4476.